

PRIMEIRA PARTE

Nunca a magnificência e a galantaria tiveram em França tanto fulgor como nos últimos anos do reinado de Henrique II. Era ele um príncipe galante, bem constituído e amoroso; embora a sua paixão por Diane de Poitiers, duquesa de Valentinois, tivesse começado há mais de vinte anos, nem por isso era menos violenta, nem os testemunhos que dela dava eram menos impressionantes.

Como se saía admiravelmente bem em todos os exercícios físicos, fazia deles uma das suas principais ocupações. Todos os dias havia caçadas, partidas de pela, bailados, corridas da argola¹ ou divertimentos do género; as cores e os monogramas da senhora de Valentinois estavam por todo o lado² e ela própria aparecia com todos os atavios que seriam de esperar na menina de La Marck, sua neta, que estava então para se casar.

A presença da rainha autorizava a sua. Esta era uma bela princesa, ainda que a primeira juventude já tivesse passado; amava a grandiosidade, a magnificência e os prazeres. O rei desposara-a quando ainda era duque de Orleães, tendo por irmão mais velho o delfim, que morreu em Tournon, príncipe que, pelo nascimento e pelas suas grandes qualidades, estava destinado a ocupar dignamente o lugar do rei Francisco I, seu pai.

O temperamento ambicioso da rainha levava-a a sentir um grande prazer em reinar; parecia suportar sem mágoa a inclinação do rei pela duquesa de Valentinois, e não deixava transparecer ciúmes dela; mas era tão profunda a sua dissimulação, que se tornava difícil avaliar os seus sentimentos, e a política obrigava-a a aproximar a

duquesa da sua pessoa, a fim de manter o rei por perto. Este príncipe gostava do convívio das mulheres, mesmo daquelas por quem não estava apaixonado: todos os dias se demorava nos aposentos da rainha à hora das refeições, altura em que tudo o que havia de mais belo e elegante de ambos os sexos ali se reunia.

Nunca outra corte teve tantas belas mulheres e tantos homens tão admiravelmente constituídos, e parecia que a natureza se comprazia em dotar as maiores princesas e os maiores príncipes com aquilo que de mais belo produz. A senhora Elisabete de França, que depois veio a ser rainha de Espanha, começava a revelar um espírito surpreendente e aquela incomparável beleza que lhe foi tão funesta. Maria Stuart, rainha da Escócia, que acabava de desposar o senhor delfim, e a quem chamavam rainha delfina, era uma mulher perfeita de espírito e de corpo: fora educada na corte francesa, onde aprendera todas as regras de cortesia, e nascera com tanta inclinação para as coisas belas que, apesar da sua muita juventude, as amava e conhecia como ninguém. A rainha, sua sogra, e *Madame*³, irmã do rei, também gostavam de versos, de teatro e de música. O gosto que o rei Francisco I tivera pela poesia e pelas letras ainda reinava em França, e como o rei, seu filho, gostava de exercício físico, todos os prazeres tinham lugar na corte. Mas o que tornava esta corte bela e majestosa era o número infinito de príncipes e de grandes senhores de mérito extraordinário. Os que vou nomear eram, cada um à sua maneira, o ornamento e a admiração do seu século.

O rei de Navarra era alvo do respeito de toda a gente pela grandeza da sua posição e pela que transparecia na sua pessoa. Era exímio na guerra, e o duque de Guise tinha tanta admiração por ele que por diversas vezes chegara a abandonar o seu posto de general para ir combater ao lado dele, como simples soldado, nos postos mais perigosos. É verdade, também, que este duque dera provas de possuir um valor tão admirável e obtivera sucessos tão extraordinários que não havia grão-capitão que não se visse obrigado a olhar para ele com inveja. O seu valor alicerçava-se em todas as outras grandes qualidades: tinha um espírito vasto e profundo, uma alma nobre e elevada, e igual capacidade para a guerra e para os negócios. O cardeal de Lorena, seu irmão, nascera com uma ambição desmesurada, um espírito vivo e uma eloquência admirável, e tinha adquirido uma

ciência profunda, de que se servia para se tornar relevante na defesa da religião católica, que começava a ser atacada. O cavaleiro de Guise, mais tarde conhecido como grão-prior, era um príncipe amado por toda a gente, bem constituído, espirituoso, cheio de brio e de valor celebrado em toda a Europa. Dentro de um corpo pequeno e pouco favorecido pela natureza, o príncipe de Condé tinha uma alma grande e altiva, e um espírito que o tornava agradável aos olhos até das mais belas mulheres. O duque de Nevers, que vivia em estado de graça devido à guerra e aos grandes cargos que desempenhara, ainda que de idade um pouco avançada, fazia as delícias da corte. Tinha três filhos de muitos méritos: o segundo, a quem chamavam o príncipe de Clèves, era digno de ostentar a glória do seu nome; era corajoso e magnífico, e era senhor de uma prudência pouco comum entre os jovens. O vidama de Chartres, descendente da antiga casa de Vendôme, nome que os príncipes de sangue se orgulhavam de usar, era tão distinto na guerra como na galantaria. Era belo, de boa aparência, valente, arrojado, liberal: todas estas boas qualidades eram vivas e fulgurantes; enfim, ninguém como ele seria digno de ser comparado ao duque de Nemours, se é que alguém se lhe podia comparar. Este príncipe era uma obra-prima da natureza; o que tinha de menos admirável era ser o homem mais elegante e mais belo do mundo. O que o colocava acima dos outros era um valor incomparável e uma graça de espírito, de rosto e de ação, como só nele se via; tinha uma jovialidade que agradava tanto aos homens como às mulheres, uma destreza extraordinária em todos os exercícios, uma maneira de se vestir que toda a gente copiava, sem poder imitar, e, enfim, qualquer coisa na sua pessoa que fazia com que não se pudesse olhar para mais nada quando ele estava presente. Não havia dama na corte que não se sentisse lisonjeada na sua glória ao vê-lo afeiçoar-se a ela; poucas são aquelas por quem ele se enamorou que se possam gabar de lhe ter resistido, e muitas a quem ele nunca testemunhou qualquer tipo de paixão não deixaram de se apaixonar por ele. Tinha tanta doçura e tanta disposição para a galantaria que não podia recusar algumas atenções àquelas que se esforçavam por lhe agradar: desta forma, tinha várias amantes, mas era difícil dizer qual delas ele amava verdadeiramente. Era frequentador assíduo do salão da rainha delfina; a beleza desta princesa, a sua doçura,

a preocupação em agradar a toda a gente e a estima particular que nutria por este príncipe levaram muitas vezes a crer que até para ela ele arrastava a asa. Os senhores de Guise, de quem era sobrinha, aumentaram bastante o seu crédito e a consideração de que gozavam com o casamento que fizeram; a sua ambição levava-os a aspirar a igualar-se aos príncipes de sangue e a partilhar o poder do condestável Montmorency. O rei confiara nele a gestão da maior parte dos negócios e tratava o duque de Guise e o marechal de Saint-André como seus favoritos. Mas aqueles que o favor ou os negócios aproximavam da sua pessoa não se podiam conservar nessa posição sem se submeterem à duquesa de Valentinois, e, embora já não fosse nova nem bela, ela controlava-o com uma autoridade tão absoluta que se podia dizer que era senhora da sua pessoa e do Estado.

O rei sempre gostara do condestável e, logo que começou o seu reinado, mandou-o chamar do exílio para onde o rei Francisco I o tinha enviado. A corte estava dividida entre os senhores de Guise e o condestável, que era apoiado pelos príncipes de sangue. Ambos os partidos ambicionavam desde sempre conquistar a duquesa de Valentinois. O duque de Aumale, irmão do duque de Guise, casara com uma das suas filhas; o condestável aspirava à mesma aliança. Não se contentava com ter casado o seu primogénito com a senhora Diane, filha do rei e de uma dama do Piemonte, que se fez religiosa assim que deu à luz. Este casamento tivera de enfrentar muitos obstáculos por causa das promessas que o senhor de Montmorency fizera à menina de Piennes, uma das damas de honor da rainha; e, embora o rei os tivesse ultrapassado com uma paciência e uma bondade extremas, o condestável não estaria suficientemente apoiado se não contasse com a proteção da senhora de Valentinois e se a não afastasse dos senhores de Guise, cuja influência começava a inquietar a duquesa. Retardara tanto quanto pudera o casamento do delfim com a rainha da Escócia: a beleza e o espírito capaz e avançado desta jovem rainha, bem como a ascensão que este casamento dava aos senhores de Guise, eram-lhe insuportáveis. Odiava particularmente o cardeal de Lorena; este falara-lhe com azedume e até com desprezo. Ela via que ele estava a ganhar ascendência sobre a rainha; de maneira que o condestável a encontrou disposta a juntar-se a ele e a entrar na sua aliança através do casamento da

menina de La Marck, sua neta, com o senhor de Anville, o segundo filho dele, que mais tarde lhe sucedeu no cargo que desempenhara durante o reinado de Carlos IX. O condestável não acreditava que fosse encontrar mais obstáculos a um casamento no espírito do senhor de Anville do que encontrara no espírito do senhor de Montmorency; mas, ainda que não conseguisse descortinar as razões, nem por isso as dificuldades foram menores. O senhor de Anville estava perdidamente apaixonado pela rainha delfina, e, por pouca esperança que tivesse nesta paixão, não podia resolver-se a assumir um compromisso que iria dividir as suas atenções. O único na corte que não tinha partido era o marechal de Saint-André: era um dos favoritos, e o favor de que gozava só dependia de si: o rei tinha uma inclinação por ele desde os tempos em que era delfim, e, depois disso, tinha-o nomeado marechal de França numa idade em que não é costume aspirar-se à mais pequena dignidade. O favor do rei dava-lhe um brilho que ele ia alimentando com os seus méritos e o encanto da sua pessoa, com o esplendor da sua mesa e dos seus móveis, e através da magnificência mais profusa que alguma vez se viu num particular. A liberalidade do rei patrocinava estes gastos: o príncipe chegava a ser pródigo com aqueles de quem gostava. Não tinha todas as grandes qualidades, mas tinha algumas, sobretudo a de amar a guerra e a de a compreender; tivera também belos triunfos, e, se excetuarmos a batalha de Saint-Quentin, o seu reinado foi uma sucessão de vitórias. Ganhara, em pessoa, a batalha de Renti; o Piemonte fora conquistado; os ingleses foram expulsos de França, e o imperador Carlos V vira findar a sua boa sorte diante da cidade de Metz, que cercara inutilmente com todas as forças do Império e de Espanha. De qualquer forma, como o infortúnio de Saint-Quentin diminuía a esperança das nossas conquistas, e como, mais tarde, a sorte pareceu ter-se repartido entre os dois reis, estes encontraram-se insensivelmente predispostos a declarar a paz.

A duquesa viúva-herdeira de Lorena começara a fazer propostas nesse sentido por alturas do casamento do senhor delfim; desde então esteve sempre em curso uma qualquer negociação secreta. Por fim, Cercamp, na região de Artois, foi escolhido como o lugar em que deviam reunir-se. O cardeal de Lorena, o condestável de Montmorency e o marechal de Saint-André deslocaram-se lá em